

*Apercepção transcendental e imaginação*

*(Continuação)*

Se em nosso sujeito não fosse dado nenhum espaço *a priori* como forma de sua intuição sensível e se objetos fora de nós não fossem dados senão nessa forma, então proposições sintéticas não seriam possíveis *a priori*, que valessem simultaneamente para objetos externos reais. Pois se devêssemos tirar as representações dos objetos tais como são dadas em si mesmas, tudo repousaria meramente sobre a experiência e nenhuma síntese valeria *a priori* simultaneamente com a necessidade do juízo, pelo menos não objetivamente. Se o tempo não fosse dado subjetivamente como forma do sentido interno e, portanto, *a priori* (~~e nenhum entendimento para compará-lo~~), a apercepção não reconheceria *a priori* a relação na existência do diverso, pois em si o tempo não é objeto de nenhuma percepção; por certo, ela também poderia determinar a sucessão e a coexistência das representações, mas não o lugar dos objetos no tempo e, portanto, não poderia produzir nenhuma experiência, se não tivesse regras do tempo determináveis no objeto; mas estas ela não as pode tirar do objeto.

Pergunto a qualquer um de onde ele pretende tirar as proposições sintéticas matemáticas e necessárias das coisas no espaço, se o espaço já não fosse *a priori* em nós a condição da possibilidade da representação dos objetos, por meio dos quais estes nos são dados. Pelas categorias nós determinamos *a priori* o diverso do fenômeno segundo a existência. Eu pergunto: de onde essa síntese deve ser tirada, se o tempo, a condição de possibilidade de toda percepção, não estivesse *a priori* como fundamento e, portanto, se a regra da determinação da existência nesse tempo e, por meio dela, entre outros [tempos] não proviesse da índole subjetiva de nossa sensibilidade, sobre a qual repousa tudo o que é objetivo [?]

Kant, Reflexão 5636, AA, XVIII, p. 271.

*Apercepção transcendental e Reflexão*

*Dependência do sentido de reflexão em Kant para com a filosofia de Wolff e aos dogmáticos*

*Relação ao objeto: representação.*

*Relação ao sujeito:* consciência. “Consciência é a representação de que há representação em mim”.

Cf. Wolff, *Lógica latina*, § 23: *Cogitare* – “Dizemos que cogitamos [*cogitamus*] quando somos conscientes daquelas coisas que estão contidas em nós e daquelas que são representadas enquanto fora de nós. Cogitação [*cogitatio*], portanto, é o ato da alma pelo qual se é consciente de si e de outras coisas fora de si.” Remissão a Descartes.

Percepção § 24:

“Diz-se que a mente percebe [*percepere*], quando percebe algum objeto. De modo, portanto, que percepção [*perceptio*] é o ato da mente pelo qual ela se representa algum objeto.

Assim, percebemos cores, odores, sons; a mente percebe a si mesma e às mudanças contidas em si.”

Apercepção § 25:

“Atribui-se apercepção à mente, na medida em que é consciente de sua percepção.

O termo apercepção foi empregado por Leibniz; coincide, no entanto, com consciência, termino utilizado por Descartes na presente questão.”

§ 26:

“[...] toda cogitação envolve percepção (§24) e apercepção (25).”

“Somos conscientes de nós e de outras coisas, disso não pode duvidar quem não esteja completamente desprovido de seus sentidos; e quem o quisesse negar, alegaria com a boca algo diferente do que encontra em si, também logo sendo convencido de que sua alegação é disparatada. Pois, como pretenderia negar-me algo ou colocar em dúvida, se não fosse consciente de si e de outras coisas? Ora, aquele que é consciente do que nega ou coloca em dúvida, este é. E, portanto, é claro que somos.” (C. Wolff, *Metafísica alemã*, § 1). Cf. § 6, silogismo.

§ 728. [Por que começamos pela consciência.]

O primeiro que notamos acerca de nós foi que somos conscientes de nós e de outras coisas fora de nós (§ 1), isto é, que sabemos que representamo-nos agora muitas coisas como fora de nós (§ 194). Por exemplo, sei que agora vejo o espelho e minha figura no espelho. Sei que tenho o espelho nas mãos e o ponho de lado. Sei que, em vez do espelho, pego o lenço e esfrego a mancha que vejo no espelho sobre o rosto. Investiguemos, pois, como ocorre que somos conscientes disso.

§ 729. [Quando somos conscientes de algo.]

Descobrimos, portanto, que somos conscientes das coisas quando as diferenciamos umas das outras. Assim, no primeiro exemplo dado, sou consciente de que vejo o espelho não só quando vejo diferencio as diversas partes que nele percebo, mas também me represento a diferença do espelho de outras coisas, que eu vejo simultaneamente com ele, ou que vi há pouco. Da mesma maneira, sou consciente de que pego o lenço, uma vez que não o diferencio somente do espelho que tinha antes nas mãos, mas também das mãos, da mesa na qual o deixo e de outras coisas que vejo ao mesmo tempo. Se não notamos a diferença das coisas que nos são presentes, não somos conscientes daquilo que nos salta aos sentidos. Por exemplo, se alguém lê um livro, ele não tem consciência do que ouve, embora o som das palavras entre uma vez como a outra em seus ouvidos, provocando ali a mudança habitual. E dizemos nesse caso que queremos indicar a causa por que não somos conscientes delas: nós não teríamos prestado bem atenção a eles. Ora, se investigamos o que perdemos não tendo prestado bem atenção, não descobriremos senão que não notamos a diferença do som por meio do qual essas palavras se dão a conhecer. Pois ouvimos que se falava, mas não sabemos propriamente o que foi. (Christian Wolff, *Metafísica alemã*)

El mayor tesoro de sus conocimientos [del alma humana] reside en la oscuridad. Por ejemplo, cuando el ser humano lee, entonces el alma presta atención a las letras, pues ella lee, pues presta atención a lo que lee. El ser humano no es consciente de nada de esto. Un músico que fantasea debe aplicar su reflexión a cada dedo que coloca, al acto de tocar y a lo que quiera tocar, {así como} a lo nuevo que quiera producir. De no hacer esto, tampoco podría tocar; pero él no es consciente de esto. Uno tiene que maravillarse de la rapidez con que el alma reflexiona sobre todos los dedos, sobre lo que se ha tocado, y también sobre lo que en el instante se quiere tocar. Todo ello ocurre en las representaciones oscuras. La observación de esto es una importante tarea de los filósofos.

No hay otro pensamiento que subyazca a los demás como el pensamiento *Yo*. Esta representación del *Yo* y la facultad de aprehender pensamientos es la diferencia esencial del ser humano frente a todos los animales. Se trata de la personalidad, {de} ser consciente de sí mismo. Los niños se sirven tarde la expresión “Yo”; aún no pueden

tomarse en consideración a sí mismos, y carecen todavía de la facultad de dirigir sus pensamientos a sí mismos. El concepto del *Yo* es muy fecundo, es la fuente de la que pueden derivarse muchas cosas.

*Antropología Friedländer*, trad. Sánchez Rodríguez, p. 78

Mi representación se dirige o bien a objetos o bien a mí mismo. En el primer caso soy consciente de otros conocimientos; en el segundo caso de mi sujeto [...] La conciencia *objetiva*, o el conocimiento de objetos con conciencia, es una condición necesaria para tener un conocimiento de cualquier objeto. Pero la conciencia *subjetiva* es un estado forzado. Se trata de una observación que se vuelve sobre sí mismo; no es discursiva, sino intuitiva. El estado más sano es la conciencia de los objetos externos. Empero también se precisa del estado de la percepción o de la conciencia de uno mismo; a saber, como una revisión. La conciencia es un conocimiento de aquello que me concierne. Se trata de una representación de mis representaciones, de una auto-percepción. En lo que respecta a la conciencia objetiva, las representaciones que tenemos de los objetos se denominan representaciones *claras*, de las que se es consciente, [y se denominan representaciones] *distintas* a aquellas de cuyas notas también se es consciente, [así como representaciones] *oscuras* a aquellas de las que no se es consciente en absoluto. En realidad, tales diferencias corresponden a la lógica. En la medida en que corresponden a la psicología, se señala aquí que hay representaciones oscuras. Leibniz decía que el mayor tesoro del alma radica en representaciones oscuras, que sólo se hacen distintas mediante la conciencia del alma [...] Por lo demás, todo lo que se enseña en la metafísica y moral es conocido ya por cualquier persona, sólo que no era consciente de ello, y quien nos explica o expone esto no nos dice nada nuevo en realidad que no conociésemos ya, sino que tan sólo hace que tome conciencia de lo que ya se encontraba en mí [...] Por lo tanto, en el campo de las representaciones oscuras reside un tesoro que constituye el profundo abismo [*tieffen Abgrund*] de los conocimientos humanos que no podemos alcanzar.

*Metafísica Heineke*, AA, 28, p. 227 e segs. Tradução Sánchez Rodríguez, p. 78.

A substancialidade da alma, isto é, que o Eu não seja predicado de nenhuma outra coisa, embora muitos predicados lhe possam ser atribuídos como objeto, o “Eu”[.] Por exemplo: se digo: “[.] eu quero isso, eu penso isso”, eu separo todos esses predicados do eu e me considero como o sujeito do qual tudo isso é predicado.

*Antropologia Parrow*, p. 4.

Ora, nos perguntamos se a consciência pertence à faculdade superior ou inferior? Pela consciência não se produz nenhuma representação, mas está é apenas colocada numa luz mais próxima. Ela é, portanto, apenas a condição sob a qual a força superior pode ser ativa”. Idem, p. 25.

- os animais são conscientes de si quando sentem. Wolff, Christian *Metafísica alemã*, § 794: “Por sua vez, como a clareza e distinção das sensações provoca que sejamos conscientes de nós e daquilo que sentimos sind (§ 732), também podemos compreender que os animais têm de ser conscientes de si e daquilo que sentem, isto é, um animal sabe que vê ou ouve ou sente etc. Pois os animais têm tais membros dos sentidos, como os homens. Por isso, os corpos, por exemplo, se pintam nos seus olhos exatamente como nos olhos dos homens. Ora, como essas imagens têm clareza e distinção, também tem de haver clareza e distinção nas suas sensações. E, por conseguinte, os animais são conscientes de si e daquilo que sentem (§ cit.)”

§ 733. [Para a consciência se exige reflexão.]

Quem diferencia coisas de outras, tem de compará-las. Pois as diferenciamos umas das outras quando percebemos numa o que não podemos colocar no lugar do que encontramos na outra (§ 17). Mas não podemos perceber isso, senão quando comparamos as coisas mesmas ou o que nelas se encontra de diferenciado. Quando comparamos um diverso e outro e distinguimos um do outro, nós o chamamos de *refletir*. Por isso é claro que o refletir é necessário para a consciência. Portanto, se uma coisa não é capaz de refletir, ela não é consciente de coisa alguma e, conseqüentemente, também não é consciente de si mesma.

Consciência e tempo. Wolff §§ 735-737.